

Minha história no Museu do Ipiranga: Quintais sem planta

Nasceu mais um dia! Acordo. A algazarra lá fora é da meninada na viela. O sol vai alto e outro som que se ouve é das folhas de eucalipto do alto das árvores. Eu me apresso para estar no meio da molecada. O charco, a bica, o córrego... O coaxar de sapos e os cricris de grilos vêm lá do mato no brejo, ao cair da tarde. Ah, a meninada ainda se escondia da maldade. Maldade era o homem do saco que carregava crianças soltas a brincar na rua. Nunca se ouviu um caso, mas o medo posto, pronto. Era o que a gente temia. Tanto quanto temia atravessar a ponte estreita feita de madeira pelos moradores, sobre o córrego.

Assim mesmo. São Paulo, zona sul, todas as casas com quintal, poço e sarilho. Seu pedacinho de história não contada nos nobres salões paulistanos. De um povo à parte da sociedade paulista dos registros fotográficos de há muito tempo.

Nossas mães ficavam em casa. Não tinham emprego como as de hoje. Não havia emprego para elas. Depois algumas filhas mais velhas se tornam domésticas. E aí veio a figura da diarista. Dessa forma cresceu a meninada: com mãe ali. No pé. Na escola não tinha assistencialismo. A merenda e só. E como era bom que tinha merenda! A camisa sempre branquinha, de roupa quarada ao sol, a saia azul, ou a calça adidas imitação, mas o uniforme à risca. Mães em beira de tanque, avental e ordem nos filhos. Crescia-se em São Paulo. Assim, perifericamente falando.

A poeira das ruas, o asfalto só chegou mais tarde. Com ele os rolimãs. Cresceram os meninos. Os carros das primeiras famílias: Opala, Fusca, Chevette... Os primeiros assaltos sofridos. Roubo de alto-falante, de gasolina, de toca-fitas. A marginalidade

chegava ao bairro. A maconha, os primeiros grupos de traficantes. Sumiam-se os eucaliptos a cada barraco levantado. Entremeada pelo córrego agora encanado e condomínios que surgem, cresce a vila.

Meninos das novas famílias do bairro correm atrás da bola, da pipa entre os fios de alta-tensão. Tudo se repete. Agora não mais as promissórias dos terrenos comprados, ou as invasões dos terrenos públicos, mas as famílias dos aluguéis que ora são muitos. O bairro cheio, superpopuloso, sem terrenos baldios. As ruas empilhadas de carros modernos, sem espaço, sem garagens. Os filhos dos filhos, e toda a gente passa.

Um dia ainda se viu batata-doce gigante tirada do chão, dando à toa, aos montes, que os meninos tiravam à enxadada. No lugar hoje, tudo é casa, asfalto e cimento. Quintais sem planta. Faz-se na busca de vida melhor, a construção de um pedacinho aqui e ali do mesmo chão paulista que no Museu do Ipiranga se registra. Da paisagem primitiva a lugares nobres, tão próximos e tão distantes de nosso lugar, pertences que revelam vidas, longínquas na história e no passar do tempo, registros ricos de memória.

Um dia ainda me lembro de vir da escola a pé, uniforme branco de Educação Física, em cinco minutos chegar a minha casa e ter pique de voltar à tarde para estudar. Tudo perto, tudo bom. Depois a escola ficou longe! Bairro distante, fase nova de sacrifícios.

Vida vencida, que se passa e não só a paisagem, mas também o cotidiano se transforma. A mão corre o teclado. A folha de papel virtual sobe na tela, escrevo lembranças numa crônica corrida. Lá fora o quintal diminuiu. O ar gelado balança uma velha árvore. Meu olhar, um registro fotográfico deste momento. Ainda restam quintais e plantas. Ainda restam acontecimentos e a vida da gente paulista.